



PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA DA DISCRIMINAÇÃO À POPULAÇÃO NEGRA NO CONTEXTO EDUCACIONAL NO BRASIL

PERSPECTIVA SOCIO-HISTÓRICA DE LA DISCRIMINACIÓN A LA POBLACIÓN NEGRA EN EL CONTEXTO EDUCATIVO EN BRASIL

SOCIO-HISTORICAL PERSPECTIVE OF DISCRIMINATION TO THE BLACK POPULATION IN THE EDUCATIONAL CONTEXT IN BRAZIL

Gabriel Silva Eufrazio¹
Lucas Rodrigues Horta²
Matheus Melo Preisser³
Verônica Barbosa da Silva⁴
Daniela Paula do Couto⁵

RESUMO: Este artigo apresenta algumas reflexões sobre a discriminação à população negra no Brasil, a partir de pesquisa realizada no Estágio de Práticas Investigativas II e III do curso de graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, unidade Coração Eucarístico. Na análise do histórico brasileiro encontram-se estudos que revelam a grande importância que se tem ao investigar as consequências sociais e culturais da escravidão no Brasil, pois são perceptíveis os resquícios desse ocorrido nos dias atuais. Diante das pesquisas e análises infere-se a imprescindibilidade dos estudos sobre os impactos desse dado histórico, inseridos em uma instituição social fundamental, a escola. Para melhor compreensão do tema, o método qualitativo tornou-se ferramenta para a elaboração da pesquisa descritiva relatada e discutida neste trabalho, com base em uma entrevista semiestruturada com um estudante negro, graduando em Psicologia, realizada em tempo real em ambiente virtual de comunicação instantânea. Os resultados apontam a presença de uma lacuna que ainda deve ser trabalhada, manifestada e preenchida pela construção de identidade e extensão das referências negras dentro da escola. Portanto, verifica-se que sem âmbito para dialogar um determinado fato não há condições para deliberações. O movimento negro tem alcançado diversas conquistas nos últimos anos, contudo, ainda há outras ocorrências que demandam mudanças.

PALAVRAS-CHAVE: População negra; Discriminação; Racismo; Relações educacionais.

RESUMEN: Este artículo presenta algunas reflexiones sobre la discriminación contra la población negra en Brasil, basadas en la investigación realizada en las Prácticas Investigativas Etapa II y III de la carrera de Psicología de la Pontificia Universidad Católica de Minas Gerais, Unidad Corazón Eucarístico. En el análisis de la historia brasileña hay estudios que revelan la gran importancia que se tiene al investigar las consecuencias sociales y culturales de la esclavitud en Brasil, ya que se notan los vestigios de este hecho en la actualidad. A la vista de la investigación y análisis, se infiere que los estudios sobre los impactos de este dato histórico son fundamentales, insertados en una institución social fundamental, la escuela. Para una mejor comprensión del tema, el método cualitativo se convirtió en una herramienta para la elaboración de la investigación descriptiva reportada y discutida en este trabajo, a partir de una entrevista semiestruturada con un estudiante negro, graduado en Psicología, realizada en tiempo real en un entorno virtual de comunicación instantánea. Los resultados apuntan a la presencia de un vacío que aún debe ser abordado, manifestado y llenado por la construcción de identidad y la extensión de referencias negras dentro de la escuela. Por tanto, parece que sin margen para hablar de un hecho determinado, no hay condiciones para las deliberaciones. El movimiento negro ha logrado varios logros en los últimos años, sin embargo, aún existen otros desarrollos que demandan cambios.

PALABRAS CLAVE: Población negra; Discriminación; Racismo; Relaciones educativas.

¹ gabriel.eufrazio18@gmail.com

² lucas.horta93@gmail.com

³ matheuspreisser96@gmail.com

⁴ veronicabarbosavb@gmail.com

⁵ dp.couto@yahoo.com.br

ABSTRACT: This article presents some reflections on discrimination against the black population in Brazil, based on research carried out in the Investigative Practices Stage II and III of the undergraduate course in Psychology at the Pontifical Catholic University of Minas Gerais, Coração Eucarístico unit. In the analysis of the Brazilian history there are studies that reveal the great importance that one has when investigating the social and cultural consequences of slavery in Brazil, since the remnants of this occurrence in the present days are noticeable. In view of the research and analysis, it is inferred that the studies on the impacts of this historical data are essential, inserted in a fundamental social institution, the school. For a better understanding of the theme, the qualitative method became a tool for the elaboration of the descriptive research reported and discussed in this work, based on a semi-structured interview with a black student, graduating in Psychology, held in real time in a virtual environment of instant communication. . The results point to the presence of a gap that still needs to be addressed, manifested and filled by the construction of identity and the extension of black references within the school. Therefore, it appears that without scope to talk about a certain fact, there are no conditions for deliberations. The black movement has achieved several achievements in recent years, however, there are still other developments that demand changes.

KEYWORDS: Black population; Discrimination; Racism; Educational relations.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, são relatados e discutidos os resultados da pesquisa qualitativa realizada no Estágio de Práticas Investigativas II e III do curso de graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, unidade Coração Eucarístico. No referido estágio, o projeto de pesquisa escrito é executado com a finalidade de proporcionar ao estudante um contato com o campo social onde é possível aplicar os conhecimentos a respeito da Psicologia enquanto ciência e profissão obtidos nas disciplinas teóricas. O fenômeno psicossocial investigado nesta pesquisa é a discriminação da população negra em nosso país e como isso se reflete no contexto educacional.

Os estudos acerca das consequências sociais e culturais da escravidão no Brasil possuem grande relevância, visto que, atualmente, ainda lidamos com disparidades criadas há séculos atrás. Segundo Hall (1997), por meio da representação constitui-se um processo pelo qual os membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Implicando que eventos, objetos, coisas, não têm em si mesmos um sentido definitivo ou final. Ou seja, nós, em sociedade, nossa cultura, criamos sentidos e os atribuímos às coisas. Diante disso, buscase entender as construções sociais a respeito da população negra que perpetuam a discriminação e qual papel a escola empenha na formação identitária do jovem negro, devido ao fato de que ainda possuímos barreiras que impedem a igualdade de direitos, além de um sistema reverso que reproduz o preconceito causando um impacto negativo a uma parcela enorme da sociedade.

Neste trabalho, analisa-se uma pauta muito atual, o racismo, e como a escola tem contribuído, ou não, para fornecer ferramentas para a transformação social, visto que em várias

esferas os negros são afetados e possuem menos oportunidades. Em consonância com Gomes (2003), entende-se que cabe à escola o papel de discussão sobre a cultura negra, ressignificando construções positivas sobre sua história e cultura, sendo esta capaz de combater estereótipos e preconceitos.

A identidade, como afirmou Nascimento (2003), é algo inacabado, que está em permanente construção e se manifesta por meio do contraste com o outro, pela alteridade. É necessário então, entender como a escola tem agido sobre esse processo e qual a influência, segundo o olhar do jovem negro, a respeito disso. Sendo assim, os principais temas que perpassam essa temática são sobre como a escola tem tratado a história africana, quais as demandas desse jovem têm sido atendidas em relação à identidade e cultura e como isso converge ou diverge com sua realidade.

Segundo o artigo 5º da Constituição Federal (BRASIL, 1988), “Todos somos iguais perante a lei”, então, esta pesquisa se faz relevante ao lançar luz sobre questões sociais onde historicamente houvera desigualdade, e que ainda hoje estas se fazem presentes. A escola, como instituição, tem o dever de passar adiante o conhecimento e que este seja ético e imparcial, porém, muitas vezes isto não é colocado em prática, o que contribui para se perpetuar o preconceito racial.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Discriminação racial no Brasil

O Brasil, em seu passado, possui um histórico de colonização e exploração. O país, que foi constituído por uma diversidade de grupos étnico-raciais, pluralidade de crenças e culturas, principalmente nos anos seguintes ao seu descobrimento, carregou a escravatura por mais de três séculos e, ainda, carrega o título de último país da América Latina a abolir a escravidão. Como se não bastasse, o período pós-abolicionista, que deveria representar uma fase de melhoria quanto às condições e evolução, foi ao contrário, período em que não houve algum plano voltado para a inclusão desse negro em uma sociedade igualitária, ou sequer condições deste prosperar. Corroborando com este pensamento, Domingues (2011, p. 120) ressalta que

Os negros eram alvo da discriminação racial e levavam desvantagem na estrutura socioeconômica em relação aos brancos, o que limitava suas chances de mobilidade social. Uma vez que as condições de existência material mantiveram-se relativamen-

te estáveis desde o período da escravidão, a “população de cor” viu-se impedida de ascender na escala social em grande número.

É notável que o período pós-abolicionista se refletiu em diversas áreas. Um campo específico que se faz necessário pontuar é a educação, a fórmula mais básica e importante para que qualquer pessoa ou grupo tenha a condição de se desenvolver e que foi e ainda é precária para os negros. Além disso, uma solução para se ‘quebrar o tabu’ é confrontando-o, fato que não acontece, pelo menos na proporção em que deveria. De acordo com Pacífico (2008), quando se propõe uma discussão acerca dessa temática, isso gera desconforto e tensão, visto que nessa ocasião muitos preferem se silenciar e até negar a existência do racismo na escola. Ainda corroborando com essa premissa, “Diante desses conflitos o ‘silêncio’ revela conivência com tais procedimentos.” (CAVALLEIRO, 2001, p. 153). Na atualidade, possuímos o sistema de cotas que visa atenuar as desigualdades e corrigir injustiças históricas provocadas pela escravidão na sociedade brasileira.

As cotas raciais são ações afirmativas que têm como principal função a reparação de desigualdades econômicas, sociais e educacionais no Brasil. [...]. No caso das cotas raciais nas universidades, é feita a reserva de vagas para o ingresso de cidadãos pretos, pardos e indígenas. Em uma sociedade que historicamente privilegia um grupo racial e onde outros foram oprimidos, as cotas surgem como um importante meio de atuação contra a desigualdade social e a favor da democracia e da cidadania. (CARTA CAPITAL, *online*).

No período a partir do século XIX, houve a intensificação de dois movimentos, a identificação com o padrão europeu e o racismo apoiado pelas ciências. Sobre o primeiro, toda sociedade preza por um padrão, de beleza, estética, objetivos, dentre outros. Nesse momento, o Brasil se identifica com o Europeu: “o desejo do homem negro é de ser branco, porque é pela via da brancura que poderá acessar a condição de humanidade, uma vez que na discussão sobre o que é o humano no humanismo, os olhares estavam voltados para o humano europeu.” (MALAFAIA, 2018, p. 4). A segunda, de acordo com Schwarcz (1993), o surgimento do racismo científico no século XIX se desdobra sobre diversas esferas na sociedade e política, tendo por meio de teorias raciais dado *status* científico às desigualdades, podendo classificar a humanidade pelo conceito de raça. Ainda nessa perspectiva, “a abjeção social decorre da criação de ‘marcadores sociais’ que, formulados a partir de teorias biológicas errôneas, fazem das marcas corporais elementos através dos quais se pode homogeneizar os sujeitos e naturalizar identidades.” (FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 105). Nessa visão, os marcadores sociais, são associações e vinculações que as relações entre raça, gênero e classe têm na sociedade. Culminando, então, em uma problemática mais acentuada, a negação da identidade negra: “na

verdade, as portas da sociedade de classes não estavam totalmente fechadas, ainda que fosse difícil adentrá-las, pois isto envolveria a incorporação do negro à ideologia racial dos brancos e à renúncia de sua cultura afro-diaspórica” (DOMINGUES, 2011, p. 121).

As representações coletivas são de extrema relevância no contexto social, uma vez que um grupo ou cultura fere os direitos do outro e isso afeta toda uma cadeia de ações. De acordo com Moscovici (1978), as representações sociais têm relação com a opinião pública, porém, a extrapolam, pois está relacionada à avaliação do objeto, aos sentimentos associados a ele, sendo algo que é produzido e compartilhado por um grupo. Entretanto, essas definições variam bastante segundo as classes, culturas ou grupos, e constituem o universo destes. Assim, seguindo essa linha de pensamento,

A representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época para outra. (HALL, 1997, p. 61).

Podemos inferir que, quando essas representações entre grupos e culturas estão uma em detrimento da outra, há a possibilidade de inferiorização e marginalização daqueles desfavorecidos. Segundo Fernandes e Souza (2016), na sociedade brasileira, essas representações foram construídas a partir de narrativas hegemônicas, mediante a ótica eurocêntrica, que instituiu a normalidade como o branco, heterossexual e cristão.

A identidade está diretamente ligada ao conceito de representações sociais, pois é algo relacionado à ideia histórica e cultural que um povo possui, e quando essa imagem identitária é subvertida em certa cultura se abre uma brecha para a intolerância e ideologias racistas. Nascimento (2003) afirmou sobre a identidade ser um processo dinâmico de constante construção, e que se manifesta por meio da consciência da diferença e contraste do outro advinda das suas inter-relações. Porém, o estereótipo do negro dificulta esse diálogo pois fornece ideias negativas pré-concebidas a seu respeito, como uma marca que o negro recebe, o estigma, que vem principalmente da cor da sua pele, destaca Fanon (2008). Nesse sentido, “o racismo é o caso extremo em que cada pessoa é julgada, percebida, vivida, como representante de uma sequência de outras pessoas ou de uma coletividade.” (MOSCOVICI, 1978, p. 64). Todos esses fatores citados são agravantes que possuímos na nossa sociedade, que mantêm as barreiras que existem entre brancos e negros e dificultam ainda mais um diálogo, meio possível de

se quebrar barreiras, adicionado à educação, a partir de um debate construtivo capaz de gerar uma empatia e fomentar a alteridade.

A questão da identidade é fundamental para a cultura e afirmação de um povo, como já definiu Erikson (1968) ao afirmar que a identidade é uma forma integrada, em que a dimensão biológica, a vivência pessoal das experiências e o meio cultural dão sentido aos percursos do indivíduo. Ainda nessa perspectiva, é necessário que haja respeito e espaço para que todos possam manifestar-se livremente, contando que sua expressão não vá contra outras. “Identidade é algo em processo, permanentemente inacabado, e que se manifesta através da consciência da diferença e contraste com o outro, pressupondo, assim, a alteridade.”(FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 106). Contudo, sabemos das dificuldades que grupos historicamente menosprezados sofrem ao tentar manter sua história diante de tantos obstáculos. Souza (1983) afirma que o sujeito se torna negro, e que este precisa passar por obstáculos e desafios dolorosos, pois há um referencial que sempre se situa no mundo branco. Uma vez que a identidade de um grupo é desvalorizada, existe a possibilidade de ele lutar pelos seus direitos ou renegar sua própria formação.

Em meio a um processo identitário tortuoso, abrem-se brechas para o preconceito, uma vez que ele é visto como um mecanismo de reprodução e criação de desigualdades sociais. Como ressalta Fanon (2008), o negro é estigmatizado, tendo a cor da pele como principal elemento de estigmatização. Por conseguinte, existe uma negação ou falsa alteridade, podendo impedir que o grupo estereotipado transite livremente pela sociedade.

Dentre as nuances que envolvem o preconceito, será abordada neste artigo a que se refere ao contexto educacional. A educação tem papel fundamental em organizar, transmitir e socializar por meio do conhecimento e cultura: “a escola é uma organização em que tanto seus objetivos e resultados quanto seus processos e meios são relacionados com a formação humana, ganhando relevância, portanto, o fortalecimento das relações sociais, culturais e afetivas que nela têm lugar” (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2009, p. 994). Admitir-se-á que existe uma diferença na tangente de oportunidades, enquanto brancos podem optar pela escola de sua preferência, para os negros muitas vezes não há opção. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018), quase metade dos homens negros, de 19 a 24 anos, não concluíram o ensino médio, e para mulheres negras, o índice chega a ser 33%. No sentido da escola como construtiva, as oportunidades desiguais de acesso e principalmente a evasão escolar, dificultam o combate ao racismo e o mantém como um problema estrutural. Por isso,

Cabe ao educador e à educadora compreender como os diferentes povos, ao longo da história, classificaram a si mesmos e aos outros, como certas classificações foram hierarquizadas no contexto do racismo e como este fenômeno interfere na construção da autoestima e impede a construção de uma escola democrática. É também tarefa do educador e da educadora entender o conjunto de representações sobre o negro existente na sociedade e na escola, e enfatizar as representações positivas construídas politicamente pelos movimentos negros e pela comunidade negra. (GOMES, 2003, p. 77).

2.2 O jovem negro e a escola

O jovem negro na escola sofre grande discriminação racial e, comumente, está em uma situação de grande vulnerabilidade social. A cada ano escolar, a porcentagem de alunos negros na escola diminui. Ao se comparar o 1º ano do ensino fundamental com o 3º ano do ensino médio, é possível perceber como a evasão dos alunos de pele negra é extremamente alta se comparada à evasão dos alunos com outras cores de pele.

Segundo Rosemberg (1997) citado por Silva Júnior (2002, p. 24-25), “as crianças negras [...] apresentam uma trajetória escolar mais acidentada do que as crianças brancas, vivenciando um maior número de afastamentos e retornos para a escola, o que indica uma interação difícil entre o sistema escolar e o alunado negro”. Grande parte dessa evasão ocorre entre os anos iniciais e finais do ensino fundamental. Um número que seria supostamente maior se fosse levado em consideração o número de jovens negros que não declaram sua cor. Apesar do que foi exposto, a quantidade de alunos negros que se formam no ensino fundamental e iniciam o ensino médio vem aumentando gradativamente nos últimos anos.

Existe um grande problema na base pedagógica de ensino quando estamos lidando com o aluno negro. Ele já sofre no ambiente escolar com baixa expectativa dos professores, sustentada na ideia de que terão mais dificuldades de aprendizagem. Muitas vezes, são vistos com o mesmo olhar que é colocado sobre o deficiente, já impactando negativamente a autoestima do aluno logo no início de sua jornada escolar, tornando extremamente difícil para que a criança encontre o espaço para desenvolver suas potencialidades. A exemplo do que foi posto:

A relação alunos-agentes educativos (diretores, coordenadores, inspetores de aluno, equipe operacional), que muitas vezes é marcada por autoritarismos e visões estereotipadas, que poderiam ser exemplificadas nas falas: “O pessoal da favela só vem na escola para comer”; ou “Não adianta chamar o pai, porque ele só sabe beber!”; ou ainda, “Os alunos negros são os que mais dão trabalho no recreio. Adoram uma bagunça!” (SILVA JUNIOR, 2002, p. 32).

Além de toda a exclusão e discriminação sofridos pelos alunos com pele escura, existe outro fator que também exerce influência na evasão escolar. Na escola não ensinam, ou ensi-

nam pouco sobre história e cultura africana, não dão a importância necessária aos antecedentes biológicos e culturais dos jovens negros. É possível perceber a falta de um lugar para o negro na sociedade. A falta de identidade dos mesmos dentro da cultura brasileira. Logo, o jovem negro também não se sente incluído na escola. O que sempre é lembrado do passado histórico dos afro-brasileiros é a escravidão, o período sombrio e de grande luta pelo qual passaram e a dívida histórica que a sociedade tem com os negros, principalmente as famílias abastadas com terras e riquezas provenientes dessa época. É um passado que, se colocado de forma simples, sempre é lembrado pelas lutas e tentativa de sobrevivência perante todas as adversidades colocadas à frente dos brasileiros de origem africana, ocultando sua participação histórica e cultural no Brasil. Não são lembrados pela sua medicina natural, pela sua própria estética proveniente de sua cultura, pelos ancestrais aos quais cultuavam, pelos abortos para evitar dar mais poder ao seu senhor e para não dar a vida a alguém que estará fadado a não ter liberdade:

Analisando a história do Brasil, é possível verificar que, aos poucos, o negro foi sendo relegado a um “não-lugar”, em um lugar vazio, inexistente aos olhos da sociedade, sem identidade ou história, a não ser aquela velha história legitimada pela escola, em que o negro está sempre associado à escravidão, ao trabalho, miséria ou ao esporte e à dança, encarcerado ao passado escravista, apagado do presente. (BONILHA; SOLIGO, 2015, p. 76).

Estamos diante uma situação lastimável, em que as oportunidades de uma formação escolar para alguns se tornam inviáveis, porém, “um passo importante em busca de uma educação antirracista é reconhecer a existência de atitudes discriminatórias na escola e dar atenção quando essas atitudes ocorrerem” (PACÍFICO, 2008, p. 3). Pela existência de um racismo velado no país é mais difícil enfrentá-lo, pois se ninguém admite sua ocorrência as possibilidades de se discutir a temática são menores e então, nos debruçamos sobre a ilusão da igualdade, como destaca Pinto e Ferreira (2014, p. 260):

O mito da democracia racial, baseado na dupla mestiçagem, biológica e cultural, entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimularem as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não brancas de se conscientizarem acerca de suas características culturais, o que teria contribuído para a construção e expressão de uma identidade própria.

Corroborando essa afirmação, Gomes (2003) fala sobre a importância de enfatizar as representações positivas construídas politicamente pelos movimentos negros e pela comuni-

dade negra e que tal posicionamento implica a construção de práticas pedagógicas de combate à discriminação racial, um rompimento com práticas que naturalizam a diferença étnico/racial, pois estas sempre reforçam o mito da democracia racial. Ainda há muito que se caminhar para atenuar e então acabar com práticas discriminatórias, entretanto, uma educação baseada na igualdade se faz necessária para que ocorra um diálogo transformador e humanizador. Como já afirmara Freire (1968), a educação deverá ser uma busca constante em favor das classes oprimidas, luta pela liberdade e igualdade.

2.3 Representação social do negro

A representação social do negro é uma questão muitas vezes baseada no senso comum a partir das diversas visões de realidade sujeitas a modificações por fatores econômicos, políticos e sociais. A figura do negro nas representações sociais é determinada por ideias, estereótipos, juízos e imagens constituídos previamente por diferentes realidades parciais. São representações que reduzem a pessoa à dimensão biológica, agem como se a pessoa fosse unicamente sua cor, e não o resultado de suas vivências. Respalhando essa linha de pensamento, Lima e Vala (2004, p. 402) pontuam que:

O racismo constitui-se num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual é re-significada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento. Por exemplo, a cor da pele sendo negra (marca física externa) pode implicar na percepção do sujeito (indivíduo ou grupo) como preguiçoso, agressivo e alegre (marca cultural interna).

Em pesquisa realizada por Siman (2005), pode-se perceber a representação que crianças têm dos negros. Ao pedirem que as crianças desenhassem quais seriam os trabalhos dos negros, sempre relatavam trabalhos pesados e cansativos, muitas vezes retratando-os como pessoas escravizadas. A manutenção da imagem estereotipada do negro ocorre a partir de inúmeras fontes. Nas novelas, por exemplo, a empregada frequentemente é representada por uma atriz negra, o personagem que mora na favela é negro, o protagonista mal-educado é negro. Já os médicos, advogados e pessoas bem-dotadas financeiramente geralmente são brancas, ou ao menos, tem um tom de pele mais claro. Jornais também fazem o mesmo, mostrando o negro como o criminoso, o ofensor. O afro-brasileiro é perpetuamente representado com imagens que evocam o imaginário pré-estabelecido da população em geral: “os negros são representados de maneira estereotipada como se isto fosse uma verdade dada a priori e aceita

pela sociedade como justificativa para admitir que a inferioridade dos negros parece ser incontestável.” (PEREIRA; GOMES, 2001, p. 49).

Situações as quais à primeira vista podem ser percebidas como brincadeiras, muitas vezes se mostram claramente racistas, com intenção de inferiorizar o não-branco. São os apelidos ou ‘brincadeiras’ criados para pessoas negras, que apontam para a cor de sua pele, sua classe social ou os comparam a animais:

Sobre os termos usados na prática de desqualificar o negro poderíamos citar uma lista inumerável e de diversos aspectos, cito apenas alguns mais comumente utilizados: “nego”, “neguinha”, “mulata”, negão, macaco, macumbeiro, favelado, maloqueiro, queimado, esses são alguns termos que podem ser escutados no cotidiano por um cidadão negro no Brasil, embora tal prática tenha se tornado politicamente incorreta em situações de conflito ou principalmente em redes sociais na web a prática de tal insulto tem sido frequente. (ASSIS, 2017, p. 129).

Apesar da ascensão social do negro em nossa sociedade, ele continua a sofrer os mesmos preconceitos que outrora. Isso ocorre porque os detentores dos meios de comunicação e de conhecimento continuam sendo os mesmos em sua maioria, impedindo mudanças mais significativas. Para a pessoa em posição de poder, manter o *status quo* da sociedade é a opção mais atrativa, pois pensa-se que a mudança de situação possa lhe causar prejuízos, ou porque manter as coisas do jeito que estão parece ser mais fácil que aceitar as mudanças e se adaptar a elas.

Nesse sentido, o movimento negro tem lutado para que haja transformações e uma das conquistas que podemos frisar aqui é o da Lei Federal 10.639/3 que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira. Como diz Gomes (2002a), quando analisamos os espaços em que o negro constrói sua identidade percebemos a escola como um ambiente que interfere nessa construção, podendo tanto incentivar a valorização da sua identidade e diferenças, quanto estigmatizá-las, discriminá-las e até mesmo negá-las. A autora ainda demonstra que os pontos que temos que mudar para se realizar uma educação mais acolhedora e libertadora com a comunidade negra está na conscientização dos professores e educadores para promover um ensino cada vez mais aprimorado, capaz de ligarem a educação e a identidade negra. Ainda nessa lógica, precisamos pensar que esses processos de identidade devem ser debatidos não só nas escolas, mas também em cursos superiores.

Se criticamos o fato de que a escola básica ainda não conseguiu dar um trato pedagógico de qualidade à questão racial, o que diremos do ensino superior? Será que a experiência universitária tem sido capaz de quebrar preconceitos, romper com estereótipos sobre o negro e sua cultura, construir cidadãos e cidadãs menos etnocêntricos? Será que os alunos e as alunas que se formam nos cursos da UFMG e de outras

instituições de ensino superior, ao completarem o seu curso, encontram-se mais sensíveis à diversidade? Ao concluírem a graduação e a pós-graduação, esses alunos e alunas compreendem melhor a complexidade da questão racial e suas implicações políticas, sociais, econômicas e culturais? Entendem a educação pública como direito que, enquanto tal, deve ser garantido aos cidadãos e às cidadãs de diferentes pertencimentos étnicos/raciais ou ainda a veem como mérito de alguns? (GOMES, 2002a, p. 44).

Atrelados a essa construção da identidade negra temos conceitos importantes como a negritude, entendida no âmbito social. “Negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana” (DOMINGUES, 2005, p. 194). Com isso, percebemos a importância de conquistas da comunidade negra como a lei que já citada, que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena, tanto em escolas públicas quanto nas de rede privada. Segundo Fernandes e Souza (2016), isso possibilitou uma quebra no silêncio da história de desrespeito a negros e índios, colocando esses sujeitos em outro lugar no território escolar, agora um lugar de respeito.

Assim, uma escola apta a favorecer as diferenças e o diálogo entre os indivíduos de diferentes grupos étnico-raciais permite, ao educando negro, desconstruir estereótipos e preconceitos em relação à sua origem e adquirir sentimento de pertença, que pode conduzi-lo a atuar em defesa dos valores de seu grupo étnico-racial. A escola não pode ser espaço de alienação da negritude e de expropriação do corpo negro, mas espaço que valorize a autenticidade e originalidade extirpadas pelo racismo. A escola pode assim possibilitar ao aluno negro um questionamento sobre o seu corpo que não o leve à tentativa de fazer-se branco, mas de tornar-se negro (FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 116-117).

A partir do final do século XX, temos a mídia como um grande influenciador, sendo ela um meio de transmissão de informação em massa e formador de opinião.

Atualmente a mídia se faz cada vez mais presente em nosso cotidiano, tornando-se um verdadeiro instrumento de manipulação social e dominação cultural. As informações recebidas pelas mais diferentes mídias, principalmente pela televisão, exercem forte influência nos hábitos e costumes da população com grande poder de manipulação, ditando regras de conduta e de consumo. (TONET; MELO, 2014, p. 2).

Sendo assim, pode-se afirmar sobre a importância que o fenômeno midiático tem tanto sobre a negritude, quanto sobre a representação do negro, formando um espaço de construção e identificação pessoal, que pode ser tomado como importante aliado ou vilão na problemática da discriminação. Porém, vemos que, infelizmente, muito do que se é dito nesse espaço ainda é na direção contrária da igualdade, pois o negro continua sendo exposto nas piores condições possíveis, fato que contribui com a imagem que ele já tem diante de parte da sociedade.

Nos jornais, excluindo-se a seção esportiva, os negros e afrodescendentes povoam, quase sempre as páginas policiais ou dedicadas às infrações. As imagens dos pontos mais conflitantes dos grandes centros urbanos trazem sempre a figura do afrodescendente como protagonista ou coadjuvante. (GOLZIO, 2005, p. 492).

Partindo dessa premissa, a mídia se faz fundamental como ferramenta de transformação e se houver um engajamento maior, somando-se a um espaço propício, pode-se fazer deste um grande meio para ganhar a batalha na qual o movimento negro se engajou há anos. As práticas comunicacionais, “são importantes agentes de socialização, mediadoras da realidade política e devem por isso, serem vistas como importantes instituições das sociedades contemporâneas, com vários efeitos econômicos, políticos, culturais e sociais” (KELLNER, 2001, p. 44).

Assim, conclui-se que o negro precisa de um local de destaque na sociedade, para lhe dar aquilo que é seu direito, a igualdade, além de corrigir marcas incalculáveis causadas pelas injustiças históricas. Para atingir esses objetivos, é necessária uma participação social maior. O movimento negro ainda persiste nas lutas travadas há anos, e atrelada à educação e a mídia, é possível passar uma imagem real, não deturpada, com a qual a comunidade possa se identificar, ressaltando as conquistas do negro, seu poder e influência, da mesma forma em que esses e outros meios foram utilizados para exaltar o branco e se omitiram quanto aos negros.

3 MÉTODO

Recorreu-se à entrevista semiestruturada como ferramenta para a coleta de dados, com análise qualitativa. A entrevista é uma forma bastante utilizada na obtenção de dados e uma técnica de grande eficiência para se aprofundar em dados acerca do comportamento humano. Ela foi realizada com um estudante negro graduando em Psicologia, com foco na experiência do mesmo com o contexto educacional brasileiro. Nesse sentido, o método utilizado na pesquisa foi o estudo de caso que, segundo Yan (2001), “[...] contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos”.

A entrevista foi realizada em tempo real em um ambiente virtual de comunicação instantânea, gravada e transcrita para melhor análise em relação ao referencial teórico que sustenta a pesquisa. O indivíduo entrevistado manifestou formalmente sua concordância mediante leitura e aceite de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante destacar que este artigo foi escrito enquanto ocorriam protestos antirracistas em vários países, inclusive no Brasil, iniciados após a morte de George Floyd, um homem negro que morreu em Minneapolis, no estado norte-americano de Minnesota, após ser violentamente imobilizado por policiais, mesmo sem oferecer qualquer tipo de resistência. Esse fato ressalta a relevância do tema discutido neste trabalho.

O entrevistado relata como a história dos negros sempre é contada pelos brancos, pelos que subjugarão o povo negro nos vários anos de escravidão e como os negros são silenciados e assistem sua história ser descrita por aqueles que os dominaram:

Acho que tem muito atravessamento que ocorre durante toda a história. Por quê?! Porque eu acho que a história, todas as histórias são contadas assim, a maioria pelo menos, né?! A maior parte mesmo, assim, são contadas pelos portugueses, pelos brancos, sabe?! Pelos europeus. Então, não tem oportunidade de negros contarem sua própria história, contarem o que aconteceu realmente, sabe? Tanto que os livros passam essa visão, é... muito europeia, assim. (Entrevistado).⁶

Ao ser perguntado sobre como percebe as referências negras dentro do conteúdo escolar, o entrevistado diz não ter referências. Inclusive, segundo ele, vários fatos sobre os negros são descritos de forma errônea nos livros escolares. Ele relata que acredita que um dos motivos da falta de referências negras se deve pelo fato de a maioria de seus professores terem sido brancos, assim tendo pouco contato com professores que estivessem dispostos a trabalhar questões raciais. Apenas ao ingressar no ensino médio, ele passou a ter uma professora que trabalhou com mais afinco essas importantes questões, a partir de então se identificando com essa professora. Como destaca Gomes (2002b), a escola é um local importante para a formação de identidade, podendo depreciar e negar as diferenças, ou ajudar na construção saudável da identidade, sem negá-la, mas celebrando e debatendo as diferenças que são pertinentes a todos. Sendo assim, “é também tarefa do educador e da educadora entender o conjunto de representações sobre o negro existente na sociedade e na escola, e enfatizar as representações positivas construídas politicamente pelos movimentos negros e pela comunidade negra. (GOMES, 2003, p. 77).

Ao falar sobre a visão transmitida sobre o negro na mídia e na escola, o entrevistado a classifica como uma visão negativa:

⁶ Todas as falas do entrevistado apresentadas neste artigo foram colhidas em pesquisa de campo realizada em Belo Horizonte/MG, em maio de 2020.

tudo coloca o negro num lugar subalterno, sabe? Num lugar de vulnerabilidade, um lugar de... é... não consegue ter poder, que não consegue ter um... um prestígio social. Então, é... que eu lembro assim, a maioria dos negros era tipo, as empregadas, ou, é... os escravos revoltados, sabe, quando era numa novela de época, que era os nossos que tentavam atacar os brancos [...]. (Entrevistado).

Corroborando com essa afirmação, Pereira e Gomes (2001) falam da visão estereotipada do negro na mídia, costumeiramente retratado com empregos e condição social inferior se comparados aos brancos, os quais muitas vezes são representados em empregos considerados de elite, como médicos e advogados. Como mencionado anteriormente, pesquisa realizada por Siman (2005) também corrobora com este ponto de vista sobre como o negro é estereotipado. Para a pesquisa, crianças deveriam desenhar para representar o modo de vida dos negros. Mais de 50% dos desenhos evocavam trabalho escravo. E 17% das crianças desenharam os negros sendo castigados fisicamente enquanto trabalhavam.

Na maioria das “cenas” desenhadas pelas crianças, ressaltaram-se os instrumentos de tortura. Do total dos 36 alunos, um terço deles representaram o dia a dia do escravo tendo o castigo como referência, sendo que 80% das crianças representam o negro (escravo) trabalhando e/ou apanhando [...]. (SIMAN, 2005, p. 356).

Segundo o entrevistado, recentemente, os negros passaram a receber posições de mais prestígio na mídia, apesar da diferença ainda ser pequena. Na escola, a visão que lhe era passada sobre a escravidão era sempre a visão europeia.

O entrevistado também relata uma passagem da Bíblia, em que a África inteira é amaldiçoada, ajudando assim a manter uma visão preconceituosa para com o povo negro. “Então, as percepções que eu tenho midiáticas e... da história do negro na escola eu acho que é, são bem ruins, sabe?” (Entrevistado). Ele deixa claro em como existe uma semelhança do que se estuda sobre o negro no passado e sobre a história de vida do mesmo nos nossos dias atuais, como as vulnerabilidades sociais e o racismo. Diante disso, ele também acredita que, apesar da semelhança de alguns fatos, existem divergências nas histórias contadas pela escola ao se comparar com a vida real do negro, o que, para ele, influencia profundamente nas visões que são feitas do mesmo, da sua história e da sua realidade.

O entrevistado cita uma obra literária que tem lido, da autora Ana Maria Gonçalves e tem como título “Defeito de cor”, que ele classifica como obra genuína e que revela a absoluta vivência dos negros desde a resistência, a violência que enfrentavam e insistência de continuarem a lutar pela vida e pelo respeito.

O problema fundamental não está na raça, que é uma classificação pseudocientífica rejeitada pelos próprios cientistas da área biológica. O nó do problema está no ra-

cismo que hierarquiza, desumaniza e justifica a discriminação existente. No entanto, o racismo no século XXI não precisa mais do conceito de raça, pois se fundamenta sobre novas essencializações. (MUNANGA, 2015, p. 25)

Diante disso, o entrevistado acredita que a escola tem um papel primordial na vida do jovem negro e na formação e construção da sua identidade, pois a mesma está presente em grande parte da sua vida. Contudo, ele acredita que, apesar da melhora, ainda existem barreiras as quais a escola não superou para que a formação do jovem negro seja adequada e respeitada. Diante do seu processo de formação de identidade, como um jovem negro, ele ressalta que durante um tempo, em uma das escolas em que estudou, sendo esta uma escola privada e “mais conservadora”, segundo sua percepção, não houve temáticas trabalhadas em prol da construção dessa identidade. Ele relata que a escola fez um papel silencioso, não abrindo espaço para falar das questões raciais assim como também, do racismo, o que, para o entrevistador, o fez perceber, hoje, que ele era racista e como um mecanismo de fuga da rejeição, do desrespeito e do próprio racismo, ele se colocou à disposição de não falar do assunto para não ser vítima do preconceito. Segundo Bonilha e Soligo (2015, p. 76),

Analisando a história do Brasil, é possível verificar que, aos poucos, o negro foi sendo relegado a um “não-lugar”, em um lugar vazio, inexistente aos olhos da sociedade, sem identidade ou história, a não ser aquela velha história legitimada pela escola, em que o negro está sempre associado à escravidão, ao trabalho, miséria ou ao esporte e à dança, encarcerado ao passado escravista, apagado do presente.

Após uma mudança de colégio, como declara o entrevistado “menos conservador e até progressista”, houve uma diferença da didática e dos professores, os quais abordavam as questões raciais. Ele deixa claro que era muito jovem para, naquele tempo, identificar e problematizar as questões raciais que perpassavam seu meio, visto que hoje tem uma visão mais crítica. E foi a partir de uma professora referência que ele começou a se redescobrir como negro e como “um alguém”. Sendo assim, o entrevistado se coloca como aquele que, segundo a sua vivência, acredita que o papel da escola na construção identitária do jovem negro é ainda muito vago e precário.

Portanto, o entrevistado só consegue se reconhecer e se aceitar como negro depois da inserção na faculdade, que foi um período em que ele começou a se encontrar e entender que mesmo ninguém reconhecendo que ele é negro e mesmo tendo um ciclo social no qual as pessoas são brancas, isso não o impede de buscar a construção da sua identidade como também buscar profundamente a sua história. E foi a partir desse momento que o entrevistado se inse-

riu em um grupo de “Estudos Pretos” do qual ele declara que “Foi um processo terapêutico para mim... eu rendi muito, muito da minha vida...” (Entrevistado).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tratou de algumas esferas que habitam o universo do preconceito e das construções sociais acerca do racismo. Observou-se, também, o papel que a identidade possui para a conservação e manutenção de determinada cultura, sendo de extrema importância a maneira com que esta é passada de geração em geração.

A escola é um lugar onde o indivíduo passa um tempo significativo de sua vida e, após a família, é o local onde ele entra em contato com conhecimentos fundamentais, diversidade, cultura, história, interação social, entre outros. A princípio, como é um direito de todos e tem função essencial na formação da base da sociedade, esta deve ser imparcial e contemplar todos os conteúdos de forma igualitária. Contraditoriamente, não é dessa forma que vem acontecendo.

A partir do olhar sobre a história e com o apoio do estudo de caso, foi possível compreender que a passagem da escola é defasada ao olhar do negro, seja essa por falta de um conteúdo com o qual ele é capaz de se identificar, seja pela parcialidade ao retratar o negro em um lugar negativo ou até mesmo pejorativo. Sendo assim, a formação escolar tem contribuído pouco para a construção da identidade do negro, convergindo pouco com sua realidade e fazendo com que se sinta deslocado e menosprezado pela história.

Contudo, acredita-se que sem espaço para se discutir um problema não há chance de se resolvê-lo. O movimento negro tem conseguido diversas conquistas nos últimos anos, porém, ainda há outras mazelas que necessitam de mudanças e é nesse ponto que a educação se faz essencial justamente pelo seu grande potencial de transformação social.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cláudia. A construção da Identidade, Auto-conceito e Autonomia em Adultos Emergentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 20, n. 1, p. 137-146, abr. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572016000100137&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 abr. 2021.

ASSIS, Dayane Nayara Conceição de. Corpos negros e representação social no Brasil: uma discussão de gênero e raça. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 9, n. 21, p. 123-134, fev. 2017. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/231>. Acesso em: 08 abr. 2020.

BONILHA, Tamyris P.; SOLIGO, Ângela F. O não-lugar do sujeito negro na educação brasileira. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 68, n. 2, p. 31-48, jul. 2015. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/183>. Acesso em: 13 abr. 2020.

CARTA CAPITAL. **Entenda como funcionam as cotas raciais**. São Paulo: Editora Basset. 5 abr. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/carta-explica/entenda-como-funcionam-as-cotas-raciais/>. Acesso em: 13 abr. 2021.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo – repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001. p. 141-160.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 24. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

DOMINGUES, Petrônio José. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/2137/0>. Acesso em: 8 abr. 2020.

DOMINGUES, Petrônio. “Um desejo infinito de vencer”: o protagonismo negro no pós-abolição. **Topoi** (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 118-139, dez. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2011000200118&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 fev. 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 63, p. 103-120, abr. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742016000100103&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 8 abr. 2020.

GOLZIO, Derval. Exclusão informativa: representação e representatividade dos negros e afrodescendentes nas capas da revista Veja. **Actas do III Sopcom, VI Lusocom e II Ibérico – Volume III**. Estudos Culturais e de Gênero. BOCC, 2005. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/golzio-derval-exclusao-informativa-representacao-e-representatividade-dos-negros-e-afrodescendentes-nas-capas-da-veja.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2020.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S.l.], v. 9, p. 38-47, dez. 2002a. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1296>. Acesso em: 8 abr. 2020.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, dez. 2002b. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 abr. 2020.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, ago. 2003. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 abr. 2020.

HALL, Stuart. The Work of Representation. *In*: HALL, Stuart. (Org.). **Representation, Cultural Representations and Signifying Practices**. Londres/Nova Deli: Thousands Oaks/Sage, 1997.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João F. de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos em Psicologia** (Natal), Natal, v. 9, n. 3, p. 401-411, dez. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 abr. 2020.

MALAFAIA, Evelyn Dias Siqueira. **A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra**. X COPENE: Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. Uberlândia-MG. 2018. Disponível em:

https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1531151049_ARQUIVO_COPENE2.pdf. Acesso em: 13 abr. 2021.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p. 20-31, dez. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/107184/105723>. Acesso em: 13 abr. 2021.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.

NETO Valdemir Soares dos Santos; STRASSBURGER Damiris; **A influência da cultura midiática contemporânea como elemento de sedução no processo de construção dos indivíduos em sociedade**. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC – 2 a 8/09/2018 p. 2. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1416-1.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2021.

PACIFICO, Tânia M. **A implementação da Lei 10639/03, modificada pela Lei 11645/08 em uma escola pública de Curitiba**. XXII Semana de Ensino Pesquisa e Extensão V Semana e Pedagogia - UFPR, 2009, Curitiba. Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/517-4.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2021.

PEREIRA, Edmilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Ardis da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos a cultura brasileira.** Belo Horizonte: Mazza Edições, Editora PUC Minas, 2001.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Revista Pesquisas e práticas psicossociais**, São João del-Rei, v. 9, n. 2, p. 257-266, dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082014000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 abr. 2021.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação, gênero e raça. *In*: ENCONTRO DE LATIN-AMERICAN STUDIES ASSOCIATION, Guadalajara, México. **Anais [...]**, 1997.

SALDAÑA, Paulo. 4 em cada 10 jovens negros não terminaram o ensino médio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1º de set. de 2019. Educação. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/09/4-em-cada-10-jovens-negros-nao-terminaram-o-ensino-medio.shtml>. Acesso em: 13 abr. 2021.

SCHWARCZ, Lilia K. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA JÚNIOR, Hédio. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais.** Brasília: UNESCO, 2002.

SIMAN, Lana Mara de Castro. Representações e memórias sociais compartilhadas: desafios para os processos de ensino e aprendizagem da história. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 25, n. 67, p. 348-364, dez. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000300007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 abr. 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social.** 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TONET, Elaine R. C.; MELO, Aécio R. **A globalização e a influência da mídia na sociedade.** Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor de artigos. *Governo do Paraná*, v. 1, 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uenp_geo_pdp_elaine_regina_costa.pdf. Acesso em: 13 abr. 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso, planejamento e métodos.** 2. ed. São Paulo: Bookman, 2001.